

A LEITURA LITERÁRIA NA CONSTRUÇÃO DO LUGAR SOCIAL DA MULHER

Carla Andréia De Souza Rodrigues¹
Assuério Marcos Alves²

RESUMO

Sabe-se que o ato de ler configura-se ação que implica reação na vida de muitas pessoas, pois, além de fonte de conhecimento, também constitui-se uma forma de escapismo e entretenimento. Neste trabalho, de caráter qualitativo, será abordada a comparação de bibliografias que mostram como as mulheres são colocadas na sociedade, enquanto ser social, e em que medida a literatura está inserida neste processo de construção. Com isso, o objetivo é analisar a ligação que a literatura apresenta na construção social de mulheres em uma sociedade machista, como a brasileira, que coloca o homem sobre dominação e a mulher como dominada. Sob a base teórica de renomes como Simone de Beauvoir e Chimamanda, e com a perspectiva de várias modalidades de leituras como poesia de autoras brasileiras como Adélia Prado e romances como os apresentados por Jane Austen, é que pretende-se identificar o quanto significativo é a aproximação da literatura na vida das mulheres e como a vida e a arte estão interligadas e influenciando-se entre si.

Palavras-chave: Leitura literária; Ser mulher; Construção social.



INTRODUÇÃO

A partir da aproximação com a literatura é possível perceber o quanto ela se assemelha às vivências sociais e, ainda, como uma pode influenciar a outra. Nesta perspectiva, identifica-se que muitas pessoas se baseiam em personagens que leem e assistem, inclusive, há a probabilidade de acontecer tal fenômeno na construção do “ser mulher” com muitas mulheres, reforçando ou desconstruindo estereótipos de feminilidade, refratando a cultura de uma sociedade machista e patriarcal. Considerando textos que trazem a criticidade feminista na literatura é que vamos nos debruçando em analisar algumas leituras e identificando as influências destas para a vida cotidiana das mulheres, constituindo-se instrumento de (des)construção desse perfil na literatura. Tal temática é relevante pois, a partir da identificação de que a tradição patriarcal e machista se encontra, sutil ou alarmante, dentro de nossa literatura, é possível romper com tais lógicas. Nesse sentido, é visível que representações sempre tenham sido importantes quando se fala em autocompreensão e autoconstrução. Nesta busca, levando em consideração um sistema que preza por manter uma normatividade espelhada em uma elite social, é impossível não estar carregada de padrões para construir nossas personalidades, imagem e caráter, levando em consideração que somos sujeitos repletos de influências.

No tocante ao fato de “ser mulher” isso não é diferente, já dizia Simone de Beauvoir (2016): “Não se nasce mulher, torna-se”. Isso se dá aos poucos quando vão nos moldando com frases e comportamentos que são reproduzidos por gerações, como: “mulher pode isso e não pode aquilo!”, “você é mulher, deve ser assim”, “Seja mais delicada!”, dentre muitas outras que ouvimos no decorrer das nossas vidas.

A leitura dos registros escritos sempre foi um caminho para a eternização de palavras e ações, histórias de mulheres que naturalizam muitas opressões, ou contação a partir desta naturalização, tendo em vista que escrevemos o que somos também. Baseando-se no que se lê é possível construir sua autoimagem, intensificando tudo que já é possível naturalizar. São as princesas dos contos de fadas ou as românticas interpretações da literatura poética e de narrações onde, por vezes, mulheres têm um papel romantizado, devendo seguir um padrão de recatada, que não expande de apenas formosura ou capacidade laboral para as atividades da casa.

Com a leitura desses textos, contudo, também é possível desconstruir essa imagem moldada pela cultura machista da sociedade patriarcal, na medida em que se aprofunda a compreensão social. Isso foi o que muitos autores(as) da literatura fizeram e, a partir desta desconstrução dos padrões, trouxeram leituras para os(as) apreciadores(as), figuras que estão recheadas de padrões que interiorizam essa feminilidade da construção social. Afinal, como diz Martin Claret no Prefácio de De Profundius, Baladas do Cárcere de Reading, de Wilde (2004): “(...) teoricamente, toda a humanidade pode ser atingida por textos que diferem de ideias (...)”. Nesse sentido, o objetivo principal desse trabalho é analisar a ligação que a literatura apresenta na construção social de mulheres em uma sociedade machista na qual o homem assume um lugar de dominação sobre a mulher que, por sua vez, assume seu lugar de dominada.

METODOLOGIA

O presente trabalho tem caráter qualitativo, e propõe desenvolver uma discussão teórica no intuito de trazer perspectivas históricas e características sociais, buscando evidenciar a necessidade de levantamentos estatísticos sobre o tema. As perspectivas aqui expostas se basearam em um estudo exploratório bibliográfico que, segundo Gil (2010), são realizados através de leituras e interpretações de materiais, livros, artigos, dentre outras formas de conteúdo a respeito da temática, utilizando-os para dar embasamento teórico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



A representação do machismo está fortemente apresentada nos espaços sociais. No conto “Cinderela”, mais conhecida pela versão de Perrault (1697), por exemplo, tal fenômeno fica explícito quando as moças do reino são tratadas como objeto, colocadas como um “teste drive” através de uma dança com cada moça do reino, para o príncipe escolher qual delas estaria apta a casar-se com ele. Além disso, o conto também reforça uma fragilização da coletividade feminina, quando reforça a rivalidade entre elas, atitudes que fortalece os princípios do machismo, fazendo com que as mulheres estejam submetidas a constantes disputas que tenham como alvo “servir” ou “pertencer”, de alguma forma, a um homem.

Ao longo do tempo, no entanto, é possível perceber uma desconstrução dessa imagem do ser mulher, e algumas críticas são feitas por autores(as), introduzindo, sutilmente, como a história de Elisabeth, no livro *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen, que criada em uma família bem estereotipada de mulheres belas, recatadas e treinadas para assumir todo o serviço do lar, ela rejeita o ser recatada e questiona, respondendo a tudo que a incomoda e ainda rejeitando o viver para um casamento – ensinamentos transmitidos pelas gerações e que chegaram a ela por sua mãe.

Adélia Prado, com uma forma bem poética e, ao mesmo tempo, através de uma ironia direta, contextualiza o que é o ser mulher e como esse ser é colocado para o cotidiano em um contexto social patriarcal. A referida autora é uma das mulheres que ousaram romper com o sistema e propor que mulheres podem e devem ter poder, principalmente de si própria e, assim, ir rompendo o sistema. Essa desconstrução e autoafirmação dos papéis e estereótipos arcaicos colocados para mulheres, em meio às leituras, vão dando margem para muitas outras construções do ser mulher na literatura, reconstruindo-as, produzindo conteúdos que curam dores de determinada parcela de lutas do gênero e até mesmo do padrão de beleza estabelecido para as mulheres.

Pensando nessa construção do ser mulher, surgem poemas, versos e muitas outras formas de expressar a expansão do pensamento engajado das autoras. Angélica Freitas, com uma leitura mais revolucionária de poesias, nos apresenta como “A mulher é uma construção”, em seu livro “Um útero é do tamanho de um punho”. Ao longo do tempo a mulher tem sido estigmatizada e moldada como um ser dependente, frágil e submissa à figura masculina, principalmente em um sistema de relações pautadas nessa diferenciação de gênero, como Beavouir (2016) reflete, a construção do “outro”, que vive para ser o completo oposto da superioridade masculina. É nesse sentido que a literatura, se moldando ao que a sociedade cobra ou mesmo reflete e reproduz sobre a realidade, vem trazendo em suas obras em relação à figura feminina, a qual deve apresentar características perfeitas para reforçar o estereótipo de feminilidade própria do sistema machista e patriarcal, como pode ser percebido, como já apresentado, em contos como Cinderela.

No entanto, à medida que o cotidiano das mulheres vem sendo moldando e que as elas vêm se desenvolvendo como sujeitos de direitos e de posicionamentos, a partir de uma tomada de conhecimentos e de lutas, é que essas posições vêm sendo reavaliadas, inclusive, diante das histórias contadas nas literaturas. Nesse contexto, surgem novas perspectivas, como “princesas que se salvam sozinhas”, levando em consideração que a história costuma punir mulheres que fogem do seu padrão, “bruxas que não vão para a fogueira”.

Seguindo o ponto de vista de que a vida está sendo traduzida nos textos ou os textos influenciam à vida, é que defendemos que a mulher na literatura foi se transformando e se tornando empoderada, questionadora, e não mais submissa. Apesar de ainda ser possível encontrar críticas às personagens mais feministas, esses avanços são fundamentais para que a literatura também inspire novas mulheres a se posicionarem diante do machismo e do patriarcado.

Essas novas literaturas que traduzem a sociedade mais paritária de gênero, chamam meninas e mulheres a buscarem seus conhecimentos e comecem a questionar suas posições. Outrossim, por que não dizer, também, que esse comportamento transformado seja um chamado para homens e meninos a reverem seus conceitos e posicionamentos para com suas companheiras de vidas (sejam elas, mãe, irmãs, filhas, amigas,



esposas, conhecidas e até mesmo desconhecidas) e para consigo mesmo? Afinal, é possível identificar que o patriarcado tem seus efeitos negativos para essa população também, mesmo que ainda seja ela a beneficiária da opressão feminina.

CONCLUSÕES

Diante do exposto, percebe-se que a relação da literatura para a construção do ser social em seus diversos aspectos é um fator de extrema importância, visto que esta pode reforçar o padrão normatizado pela sociedade, mantendo-o intacto, ou pode criticá-lo, fazendo com que a realidade seja modificada. Sabe-se, ainda, que a construção do lugar social da mulher continua a ser alvo de muita luta e que assim como a sociedade vive em constante construção e (des)construção é preciso que a decifração do lugar do “ser mulher” na literatura também esteja em movimentação, dando voz e vez, não somente a protagonistas, por muito tempo padronizadas para a submissão do sistema que a oprime, mas também às autoras. É nesse sentido que as lutas não cessam, mas se intensificam, para que haja progresso na construção do que verdadeiramente vem a ser o lugar social da mulher.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às mulheres que antes de mim fizeram história e romperam com estereótipos, dando margem para debates relacionados a conquista de direitos, incluindo o consumo e a produção de literatura no qual contém mulheres reais e não idealizadas por um sistema. A gratidão, ainda, é por aquelas que continuam na luta, ocupando espaços e resistindo nesses. Ademais, é gratificante contar com o apoio de nossos familiares para cada progresso pessoal, acadêmico e profissional, assim como com os professores e tutores, saudando-os na pessoa do Professor Assuério Marcos, que contribuiu munido de empenho, respeito e paciência, com meu processo de produção deste trabalho. E por fim, porém não menos importante, é fundamental agradecer às divindades que, a partir da nossa fé, vem sempre dar forças e discernimento para que cada ação nossa possa ser leve e grandiosa.

REFERÊNCIAS

- AUSTEN, Jane. Orgulho e Preconceito. Lafonte. São Paulo, 2017.
- BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo: A experiência Vivida. Vol. 2, 3ª ed. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 2016.
- CLARET, Martin Prefácio In WILDE, Oscar. De Profundius Baladas do Cárcere de Reading. Editora Martin Claret. São Paulo, 2004.
- FREITAS, Angélica. Um útero é do tamanho de um punho. 1ª ed. Companhia das Letras. São Paulo, 2017.
- GIL, Antônio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 5 ed. ATLAS S.A., São Paulo, 2010.
- LOVELANCE, Amanda. A princesa salva a si mesma neste livro. Leya. Rio de Janeiro, 2017.
- LOVELANCE, Amanda. A Bruxa não para a fogueira neste livro. Leya. Rio de Janeiro, 2018.
- PRADO, Adélia. Reunião de poesias. 6ª ed. Bestbolso. Rio de Janeiro, 2017.
- PERRAULT, C. Cinderela ou O Sapatinho de Cristal. In: PERRAULT, C. Contos de Perrault. Rio de Janeiro: Vila Rica, 1994. p. 113-126.